Um correspondente de duas guerras mundiais: Raul Brandão e o Correio da Manhã[1]

Tito H. S. Queiroz

No contexto da história da imprensa brasileira, o tópico correspondentes de guerra é um dos menos conhecidos – embora já tenha gerado textos clássicos, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, além de dezenas de obras de análise e memórias, mais ou menos conhecidas.

Com o objetivo de conhecer melhor esse tópico, resolvemos analisar a atuação daquele que talvez tenha sido o único jornalista brasileiro a cobrir duas guerras mundiais: Raul de Castro Brandão (1891-1965), a serviço do Correio da Manhã – um dos principais jornais brasileiros entre 1901 e 1974.

Raul Brandão entrou no Correio da Manhã em 1908, como revisor, logo galgou postos mais altos: era secretário do jornal em 1914 (função similar a de um editor-chefe).[2] Implementou várias inovações no jornal, como a criação do Suplemento Literário e da Cooperativa de Consumo dos funcionários do jornal.[3]

O ponto mais interessante de sua carreira foi sua experiência como correspondente das duas guerras mundiais. Na I Guerra Mundial, Raul Brandão teve como base a neutra Holanda e a partir daí, visitou a Bélgica ocupada, o Norte da França, Alemanha e Áustria-Hungria. Na II Guerra Mundial, foi integrado à Força Expedicionária Brasileira (FEB) como um de seus correspondentes de guerra na Itália. Nas duas guerras, esteve em zona de guerra por um período médio de oito meses: de novembro de 1914 a julho de 1915 e de setembro de 1944 a junho de 1945.

Talvez, a experiência de uma guerra o tenha habilitado para a outra – uma evidência disso, encontra-se no fato de que sua experiência na I Guerra era notória dentre seus companheiros da FEB – a tal ponto, que ele ganhou o apelido de "Veterano".

A cobertura da I Guerra Mundial

Em 11 de novembro de 1914, o Correio da Manhã anunciava aos seus leitores a partida de Raul Brandão para a Europa. Justificando a sua decisão, o jornal afirmava que o serviço das agências de notícias e de correspondentes "estabelecidos nas capitais" não bastava para que fosse satisfeita não só a curiosidade de seus leitores, mas "o justo interesse de conhecer imparcialmente a situação das forças militares em conflito".[4]

A nota esclarece bem o ineditismo da atitude tomada pelo jornal, então, o de maior tiragem no Rio de Janeiro.[5] Desde o início da guerra, as fontes de informação para a imprensa brasileira tinham sido as agências de notícias (como a francesa Havas e a brasileira Agência Americana) ou os comunicados oficiais que as legações dos países beligerantes punham à disposição da imprensa. Outra fonte eram notícias enviadas por brasileiros que já se encontravam na Europa no início da guerra, como era o caso de Oliveira Lima, que da Grã-Bretanha enviava suas impressões da guerra para O Estado de S. Paulo e O Diário de Pernambuco, de Medeiros e Albuquerque, de Paris, para A Noite (ambos eram diplomatas que se encontravam na Europa) e mesmo o caso, para o próprio Correio da Manhã, de Azevedo Amaral, que se encontrava em Londres desde alguns anos antes da guerra.[6]

Raul Brandão chegou à Amsterdã "quartel-general dos correspondentes de guerra"[7] no fim de 1914, após uma longa viagem num transatlântico holandês – evitando minas, submarinos e ficando cinco dias retido na Grã-Bretanha, para averiguação de passageiros suspeitos e contrabando de guerra. No navio, Brandão encontrou um chinês, correspondente de um jornal de Pequim, demonstrando o interesse global pela guerra.[8]

Pelos próximos meses, Raul Brandão enviaria impressões sobre os mais variados temas – sob a forma de ensaios, analisando desde a situação político-econômica da Bélgica ocupada, a instabilidade dos Bálcãs, a situação da Alemanha e Áustria-Hungria, além de impressões sobre a neutralidade holandesa.

Em relação a esta última, nota sua "indiferença" em relação aos assuntos da guerra, em comparação com a situação do Rio, onde todos os dias "à porta

dos jornais, o bom povinho ansioso, devorando os telegramas, seguindo com sobressalto na carta geográfica, a marcha das operações dos exércitos inimigos", discutindo suas preferências exaltadamente e se fundavam ligas "platônicas por uns e por outros, em que se fazem discursos e se arquitetam planos táticos".[9]

Apesar da aparente indiferença holandesa, como era de lá que mandava suas reportagens, devia ser de seus censores militares que "tudo bisbilhotam na ânsia de descobrir espiões"[10] de que reclamava. Foram também os holandeses que lhe deram as "honras de um inquérito militar", quando nas proximidades das fortificações de Naarden, foi tomado por um espião.[11] Assim, a relatada indiferença talvez não fosse mais do que uma tática para tirar as atenções das autoridades de si. Enfim, pelo menos, a atenção especial de uma holandesa ele teve: Ena van den Heuvel – que vindo para o Brasil, casou-se com ele em agosto de 1916.[12]

A parte mais interessante de sua cobertura (já que suas impressões sobre a frente francesa não puderam ser mandadas por via telegráfica)[13] foram as impressões sobre a Alemanha, a qual dedicou longas reportagens, cujo subtítulo "Como se faz a opinião pública contra a Alemanha" indicam seu tom. Sem ser inquirido ou hostilizado, encontrou o país em ordem: "enquanto os soldados estão nas trincheiras, o resto da população entrega-se ao trabalho", não havia fome e os prisioneiros de guerra eram bem tratados.[14]

Embora encontre um grupo de prisioneiros franceses em estado miserável: imundos, de tamancos e barba comprida. Ele até comprou charutos e os ofertou, tentando entrevistá-los, o que foi proibido pelo oficial alemão que os acompanhava. Tirando-se esse porém, nada encontra na Alemanha que lembre o que dizia a propaganda aliada.[15]

Chega a tecer considerações sobre a situação dos prisioneiros de guerra:

> Se você perguntar a um prisioneiro de guerra, como eu tive ocasião de perguntar, se não acha mais cômoda a condição de prisioneiro, ele responderá com os gestos dos patriotas: *Preferia ter morrido pela pátria*. Mas isto (...) é o que nós chamamos no Brasil *uma fita, uma fita.*
> (...)
> Ninguém prefere a morte (...) São histórias. O general ou o soldado morre porque no meio da luta recebe uma bala. Pergunte a um e a outro se as balas avisassem, antes de matar, que faziam? Na hora do fogo, quando se ouvem os clarins, o explodir das

> granadas, o hino nacional, o que faz perder a cabeça não é a noção do cumprimento do dever na defesa da pátria (...) é o instinto de conservação, que diz ao ouvido dos soldados – *Mata, porque senão morre!* E o soldado atira, atira, atira.[16]

Para Raul Brandão, a Alemanha reunia as maiores "probabilidades de vitória", apesar da insistência dos Aliados de que "poderá ser vencida pela fome". Criticou a "corrente anti-germânica" na imprensa brasileira e que mesmo os massacres ("excessos") ocorridos na invasão da Bélgica, não se repetiram na França e na Rússia, posto que, mesmo na Alemanha, foram reprovados pelo próprio governo.[17]

Contextualizando as impressões favoráveis de Raul Brandão sobre a Alemanha: elas deram-se num momento – 1915 – em que os Aliados encontravam-se na defensiva e nem mesmo a entrada da Itália do lado dos Aliados havia conseguido alterar a situação; ou seja, os Impérios Centrais tinham condições de ganhar a guerra. Como o Brasil era então um país neutro e ainda não tivera sofrido da parte dos alemães nenhuma grande ofensa ou hostilidade, Raul Brandão pôde assim se posicionar pelo lado dos Impérios Centrais, o que para ele parecia uma posição razoável, diferente da posição "sentimentalista" da imprensa aliadófila brasileira – que chorava a sorte da Bélgica, engrandecia o papel da Inglaterra e que virou a opinião pública brasileira contra a Alemanha: "Sentimentalismo é perder a razão."[18]

A opinião de Raul Brandão coincidia com a de Azevedo Amaral, que também via vantagens militares nas potências centrais e criticava os prejuízos acarretados pelo bloqueio naval aliado à economia brasileira. Posições que levaram o governo britânico a pressioná-lo: como lhe disse o chefe da seção especial da polícia londrina, se substituísse o tom de suas reportagens, nada ocorreria; caso contrário, acabaria processado, preso ou expulso. Em vista disso, em meados de 1916, retornou ao Brasil.[19]

Voltando da Europa, Raul Brandão chegou a dar uma palestra em outubro de 1915 a favor da Alemanha no Theatro Municipal, promovida pelo Centro Brasileiro Pró-Alemanha, que havia sido criado nesse ano como uma resposta à Liga Brasileira pelos Aliados. A conferência – em benefício dos órfãos de guerra alemães e seguida de um espetáculo com música clássica austro-alemã e danças húngaras, teve o título da série de reportagens que fez sobre a Alemanha: "Como se faz a opinião pública contra a Alemanha".[20]

Essa postura dos correspondentes do Correio da Manhã, possivelmente influenciou sua linha editorial em relação à guerra – e para a associação do jornal a uma postura germanófila. Não se conhecem as posições de Raul Brandão a partir do momento em que navios brasileiros passaram a ser afundados por submarinos alemães, mas isso mudou todo o foco da imprensa brasileira, tornando qualquer posição simpática à Alemanha insustentável: e mesmo o Correio da Manhã, logo mudaria sua postura em relação a isso.[21]

Vejamos o caso de Azevedo Amaral: logo após chegar ao Brasil, tornou-se editor-chefe do Correio da Manhã, posição que manteria até novembro de 1917, quando foi dispensado, já que seus artigos na primeira coluna do jornal "não se harmonizam nem com os sentimentos nem com as tradições desta folha".[22] Houve quem interpretasse isso como uma postura germanófila de Edmundo Bittencourt, fundador e dono do jornal.[23] Mas, uma rápida análise no tom dos editoriais de Azevedo Amaral nos dá uma nova impressão sobre o assunto.

Se Azevedo Amaral tinha tido até então, um tom crítico em relação aos Aliados, desde o torpedeamento de navios brasileiros havia se tornado um aliadófilo e após a entrada do Brasil na guerra (outubro de 1917), um ultranacionalista, clamando por uma atitude mais ativa do país na guerra, pela destruição do germanismo, pelo desaparecimento de divisões entre civis e militares; enfim, proclamando não ser possível enfrentar o inimigo "sem fazer com que a pluralidade de manifestações (...) seja substituída pelo monoideísmo absorvente e empolgante do férreo exclusivismo guerreiro".[24]

Além de Raul Brandão e Azevedo Amaral, outros colaboradores também enviariam matérias da Europa para o Correio da Manhã: Augusto de Sá, um ex-capitão do exército brasileiro que partiu para a Alemanha em maio de 1915, como correspondente de guerra *freelancer*, enviando artigos para o Correio da Manhã e A Tribuna[25]; e um correspondente em Roma: Alfredo Cusano, um jornalista italiano, que esteve durante alguns anos no Brasil e que tinha contato com vários órgãos da imprensa brasileira – como o paulistano Fanfulla e a revista carioca Fon Fon![26]

A cobertura da II Guerra Mundial

Se ainda existe uma fama de germanofilia em relação à postura do Correio da Manhã na I Guerra Mundial, tal fama seria injustificável durante a II Guerra Mundial.[27] O dono do jornal, Paulo Bittencourt, logo colocou

o jornal a serviço da causa aliada. Em 1940, por exemplo, assumiu uma postura pró-britânica, quando os generais Dutra e Góes Monteiro, pressionavam a imprensa – através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a adotar um tom antibritânico – graças à retenção pelos britânicos do mercante brasileiro Siqueira Campos.[28] Em 1941, Paulo Bittencourt e sua esposa Sylvia, foram aos EUA – tendo inclusive um almoço na Casa Branca, além de várias recepções e homenagens, o que, sem dúvida, consolidou seu alinhamento aos Aliados.[29]

Em setembro de 1944, Raul Brandão – junto com Rubem Braga (Diário Carioca) e Egídio Squeff (O Globo), seguiu para a Europa junto a um dos escalões da FEB. Devidamente fardados, embora sem usar armas e no posto honorário de capitães, os correspondentes atendiam a certa pressão da grande imprensa carioca para ter seus próprios correspondentes junto à FEB – que já contava com correspondentes da Agência Nacional e de agências dos EUA e Grã-Bretanha, como Associated Press (AP), United Press (UP) e British Broadcasting Corporation (BBC).[30]

Raul Brandão contava então, com mais de 50 anos – enquanto os demais correspondentes eram bem mais jovens. Teria a experiência na guerra anterior o habilitado para a função? Teria a ambição de cobrir dois dos mais importantes eventos históricos do século XX? Possivelmente, a resposta a ambas as questões deva ser positiva: afinal, ele deixou para trás a posição de secretário do jornal (mais uma vez) para ser um correspondente de guerra. Mas, também não se deve esquecer que o primeiro correspondente cogitado pelo Correio da Manhã – Carlos Lacerda, teve seu nome vetado pelo governo, provavelmente por suas antigas ligações com o movimento comunista (Edmar Morel dos Diários Associados, também seria vetado por motivos semelhantes).[31]

Além dos artigos de Raul Brandão – bem mais curtos em comparação com os da I Guerra Mundial, o Correio da Manhã, contava com a colaboração de outro correspondente: Sylvia Bittencourt (ao que tudo indica já separada de Paulo Bittencourt) que foi para a Itália em junho de 1944 e que mandaria artigos sob seu tradicional pseudônimo no jornal, "Majoy".[32] Apesar de sua ligação com o jornal, parecia atuar como *freelancer*, tendo se ligado à UP e BBC.[33] O tom de suas matérias oscilava entre a descrição do cotidiano dos combatentes e a da destruição da guerra sobre as cidades italianas.[34] Além disso, matérias de outros correspondentes de agências estrangeiras na Itália também eram publicadas pelo jornal.

A tutela exercida pelo comando da FEB – evitando ao máximo que os correspondentes seguissem para as zonas de combate, tornou a atividade de todos eles um pouco mais do que uma transcrição direta dos comunicados oficiais de combate ou um retrato do cotidiano da retaguarda dos soldados brasileiros.[35]

Raul Brandão se sintonizou com os demais correspondentes numa cobertura mais otimista que crítica da FEB,[36] vista por ele, por exemplo, como uma "grande família"[37] e dedicou-se à construção da imagem do pracinha como aquele que facilmente se adaptava às peculiaridades do combate:

> Nossos soldados receberam a neve com o mesmo ânimo com que enfrentaram de início os alemães. Adaptaram-se aos métodos da guerra moderna. Neva em toda a frente, variando a temperatura nas baixadas de 3 a 5 graus abaixo de zero; em algumas alturas chegou a 10. Espetáculo inédito para a tropa brasileira é o das patrulhas de reconhecimento, com sentinelas avançadas camufladas de branco (...) é admirável a adaptação dos nossos. É extraordinário estarem os infantes suportando o frio intenso das suas "tocas de raposa".[38]

Raul Brandão ainda colaborava ocasionalmente, com o Cruzeiro do Sul, jornal oficial da FEB, com notas. Uma de suas reportagens começou a partir de uma nota publicada nesse jornal, relativa a um jornal carioca que teria se referido à participação dos brasileiros na luta na Itália como a "um passeio turístico na Europa". Ele diz não acreditar nessa nota, já que a imprensa brasileira ainda está sob censura. Na mesma matéria, por outro lado, critica a notícia que viu publicada em outro jornal brasileiro, de que a FEB avançava sobre Spezzia e Bolonha – segundo ele, uma fantasia "tão longe da realidade" que não considerava nem as dimensões e sequer as condições nas quais a FEB atuava.[39]

Essa citação oportuna sobre a censura exercida pelo DIP no Brasil demonstra que, numa guerra ou noutra, o grande oponente de Raul Brandão foi a censura. Nesse sentido, ele entrou em sintonia com os demais correspondentes de guerra (excetuando-se os oficiais) em suas iniciativas em prol da democratização do Brasil. Ele assinou a moção de apoio dos correspondentes ao Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores – realizado em São Paulo, em janeiro de 1945.[40] E uma crônica sua intitulada: "Povo! Conhece e admira os teus heróis!" foi transformada em folheto e distribuída pela Liga de Defesa Nacional, numa cerimônia pelo reatamento de relações entre o Brasil e a URSS.[41]

Mas o DIP estava com os dias contados: em 02 de fevereiro de 1945, o Correio da Manhã publicou uma entrevista de José Américo de Almeida sobre a sucessão presidencial. Esse é considerado um dos marcos do fim da censura no país – iniciando a decadência do DIP, extinto um mês depois.[42] Embora isso significasse o fim da censura do DIP pelos correspondentes, não significava o fim do controle militar da FEB sobre eles.

Mas, o fato é que, de fevereiro em diante, os correspondentes passaram a se aproximar cada vez mais do *front* – o que pode indicar que o controle militar sofreu, ao menos, algum tipo de abrandamento. O fim iminente da guerra na Europa, talvez ajudasse nisso: no final de abril os exércitos nazi-fascistas iam se desestruturando, se retirando de suas posições e se rendendo. Nesse movimento, muitas localidades italianas iam sendo liberadas numa velocidade cada vez maior, atraindo os correspondentes brasileiros para elas. E numa dessas corridas, Raul Brandão sofreria o maior risco de sua carreira.

Em fins de abril de 1945, Raul Brandão e Rubem Braga embarcaram num jipe para tentar acompanhar a liberação de povoados nas proximidades de Parma. Na estrada uma tropa alemã cruzou seu caminho e o motorista precipitou o jipe numa cerca. Rubem Braga teve ferimentos leves. Já Raul Brandão sofreu várias fraturas. Moradores das proximidades os ajudaram até que uma ambulância os resgatasse.[43]

Raul Brandão viu assim sua atividade de correspondente chegar ao fim. Ele sofreria várias cirurgias e ficaria internado até o fim da guerra, retornando ao Brasil em 05 de junho de 1945, em cima de uma maca. Ainda ficaria internado no Hospital Central do Exército até julho de 1945.[44] Como único correspondente de guerra gravemente ferido, foi agraciado com uma medalha, homenagem da qual declinou.[45]

No final dos anos 1940, "apoiado numa bengala, arrastando a lembrança da fratura sofrida"[46], Raul Brandão ainda colaboraria com o Correio da Manhã. Ao contrário de outros correspondentes de guerra brasileiros, ele não lançou nenhum livro contendo suas reportagens de guerra, tendo apenas participado da coletânea *Scatolletas de Italia,* organizada pelo anglo-brasileiro Francis Hallawell, correspondente da BBC junto à FEB (a partir das crônicas irradiadas por ele em seu programa de rádio).[47]

Nos anos 1950, esteve envolvido com a cooperativa do jornal – da qual foi idealizador (era seu presidente em 1951).[48] Mas, segundo um colega, a partir do final dos anos 1950, "teima em viver no mais absoluto isolamento, sem distribuir às gerações presentes os tesouros de sua sabedoria e da sua experiência (...) cujas Memórias, se publicadas, constituiriam sucesso garantido."[49]

Mas isso, jamais ocorreria.

Considerações finais

A dupla cobertura de guerra de Raul Brandão revela uma faceta dinâmica de um dos principais jornais brasileiros do século XX. Com um grau de profissionalismo considerável para a época.

Analisando a dupla cobertura de guerra de Raul Brandão podemos notar os consideráveis riscos inerentes à profissão – sofrendo censura e controle militar, acusações de espionagem e enfim, arriscando a própria vida. Apesar de seu prognóstico errado em relação à I Guerra e sua cobertura mais engajada na II Guerra, ele procurou manter uma objetividade (uma descrição isenta seja de sentimentalismo, seja de fantasia) que parecia ser para ele, o grande compromisso do trabalho jornalístico.

Para concluir, podemos nos questionar se o termo correspondente de guerra – uma noção surgida em meados do século XIX, com as primeiras coberturas organizadas de conflitos como a Guerra da Criméia (1853-56), seria pertinente nos dias atuais.

Isso porque a evolução da guerra contemporânea ajudou a dissolver a tradicional noção de campo de batalha (um local onde forças rivais se encontram). Desde a I Guerra Mundial, as ações militares alternaram o campo de batalha com operações voltadas contra os civis (bombardeios estratégicos, campanhas submarinas, genocídios) – o que levou as guerras, desde então, a matar um número cada vez maior de civis, que de militares.

À extensão da guerra ao campo civil, associou-se uma tendência de portabilidade do armamento militar para uso civil. Para isso, basta observar a organização de uma instituição armada voltada para atuação sobre os civis, as forças policiais: até o século XIX, as polícias eram essencialmente compostas de unidades de infantaria e cavalaria – desde o início do século XX, elas incorporaram unidades de aviação, blindados, tropas de elite – além da única arma da hoje quase proscrita guerra química, universalmente usada e legalizada: o gás lacrimogêneo.

O mundo do crime também se adaptou às novas circunstâncias: em períodos de pós-guerra – isto é, de pessoal militar desmobilizado em massa, de arsenais com oferta elástica e controle flexível, o crime organizado tendeu a se militarizar, retroalimentando a militarização da própria organização policial.

Assim, ao longo do século XX, qualquer conflito envolvendo forças policiais e criminosas (ou manifestações onde as forças policiais sejam chamadas a atuar) tornou-se, potencialmente, um conflito militar e os jornalistas envolvidos na sua cobertura, virtuais correspondentes de guerra.

Numa era de confrontos cada vez mais assimétricos – com o potencial militar de guerras, talvez seja a hora de substituir o termo clássico – correspondente de guerra, por outro mais apropriado: tal como *jornalista em área de conflito.*

Pois tal como os antigos correspondentes de guerra, muitos jornalistas são ameaçados, feridos ou mortos, não por se envolverem numa guerra definida e declarada, mas, por se encontrarem numa momentânea, flexível e perigosa área de conflito.

Notas

1. Comunicação apresentada durante o 6º Fórum Regional RJ-ES de Professores de Jornalismo, no GT "Jornalismo e Cidadania".
2. Agradeço ao meu colega e antigo colaborador do Correio da Manhã, o professor Pery Cotta, algumas das informações sobre o funcionamento da redação do jornal.
3. Morre o jornalista Raul Brandão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06 de abril de 1965, 1° Caderno, p. 2.
4. O Correio da Manhã e a guerra. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1914, p.1.
5. COMPAGNON, O. 'Si loin, si proche...' La Première Guerre Mondiale dans la presse argentine et bresilienne. In: LAMARRE, Jean e DELEUZE, Magali. *L' envers de la médaille: Guerres, temoignages et représentations.* S. l. Presses de l´Université Laval, 2007. p. 85.
6. QUEIROZ, Tito H. S. Guerra & Imprensa: as guerras mundiais & a imprensa brasileira. Comum, v. 14, 2011. p. 38.
7. As cartas do nosso enviado especial ao teatro de operações. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1915, p.1.
8. BRANDÃO, R. As impressões de um enviado especial. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1915, p. 1-2.
9. BRANDÃO, R. Impressões de um enviado especial – A indiferença da Holanda. *Correio da Manhã.* Rio de Janeiro, 24 de junho de 1915, p. 2.
10. Regressa do teatro de operações um dos nossos companheiros de trabalho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1915, p. 3.
11. BRANDÃO, R. A Guerra – A carteira de um repórter – o ponto de vista alemão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1915, p. 3.
12. Sociais. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1915, p. 5. Casamentos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1916, p. 4.
13. BRANDÃO, R. A Guerra – O Ataque à Varsóvia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1915, p. 2.
14. BRANDÃO, R. A Guerra – A carteira de um repórter – O ponto de vista alemão. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1915, p. 3.
15. BRANDÃO. R. A Guerra – Impressões de um enviado especial – Como se faz a opinião pública contra a Alemanha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1915, p.2.
16. Idem, ibidem.
17. BRANDÃO, R. A Guerra – A carteira de um repórter – o ponto de vista alemão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1915, p. 3.
18. BRANDÃO. R. A Guerra – Impressões de um enviado especial – Como se faz a opinião pública contra a Alemanha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1915, p.2.
19. AMARAL, A. O Meu Caso. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 29 de maio de 1916, p. 1.
20. A Conferência de hoje no Municipal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1915, p. 2.
21. Compagnon cita o editorial do Correio da Manhã, de abril de 1917, "Modificação da Neutralidade" como um ponto de inflexão na cobertura da imprensa brasileira sobre a guerra: Compagnon, O. Op. cit., p. 85.
22. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1917, p. 1.
23. Assim o interpretou Nelson Werneck Sodré: apud DUQUE FILHO, A. X. *Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942),* 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, p. 69.

24. (AMARAL, A.) Tempo de Ação, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1917, p. 1. Ele ainda escreveria mais seis editoriais diários antes de seu desligamento. Seria substituído por Antônio Leão Velloso, deputado federal baiano, que estava de retorno da França, onde em maio havia dado uma entrevista ao Matin, falando do amor do Brasil pela França e que o Congresso Nacional votaria pela entrada na guerra: O que disse ao 'Matin' um deputado brasileiro. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 03 de maio de 1917, p. 2. Como se depreende, ele também tinha pendências aliadófilas, não parecendo coerente a interpretação de que a saída de Amaral seja indício de uma germanofilia de E. Bittencourt. Enfim, a biografia posterior de Amaral o situaria como um dos principais expoentes de um pensamento antiliberal e eugenista no país.
25. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 14 de junho de 1916, p. 1. O Correio da Manhã, o desqualificou como seu correspondente – apenas como um colaborador eventual: o caso veio de um artigo publicado por Sá no Berliner Tageblatt, falando das atitudes do Brasil com a entrada de Portugal na guerra: ele se apresentou no artigo como correspondente do Correio da Manhã e de A Tribuna.
26. CUSANO, A. Cartas da Itália – A Itália e a Guerra. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1915, p. 2. A colaboração de Cusano duraria mais alguns meses: ele acabaria mobilizado pelo exército italiano até 1917.
27. LEAL, C. Eduardo. Correio da Manhã. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro,*v. II. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001. p. 1625-1632. Este autor encampa a tese da germanofilia de Edmundo Bittencourt durante a I Guerra sem maiores considerações e que no início da II Guerra, o jornal assumiu uma postura favorável à continuidade das relações econômicas entre Brasil e Alemanha, mesmo após os Acordos de Washington.
28. Queiroz, Tito H. S. Op. cit., p. 28-29.
29. O casal Paulo Bittencourt nos Estados Unidos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1941, p. 2. Paulo Bittencourt (que em 1919 havia sido da delegação brasileira à Conferência de Versalhes) ainda ganharia o prêmio Maria Moors Cabot: Ferreira, M. de Moraes. Paulo Bittencourt. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*,v.I. Rio de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 2001. p. 687-688.
30. Hehn, L. G. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira. *Revista História Unisinos*, 10, 2006, p. 174-177.
31.Hehn, L. G. Op. cit, p, 175.
32. 'Majoy'. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 23 de junho de 1944, p. 4.
33. Hehn, L. G. Op. cit., p. 175.
34. Vide, por exemplo: Ainda da Itália – O G. I. e o 'Pracinha'. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1944, p. 2; Pisa – A Morta. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1945, p. 2.
35. Hehn, L. G. Op. cit., p. 180.
36. Hehn, L. G. Op. cit., p. 177.
37. BRANDÃO, R. A Campanha da FEB na Itália – A Família Mallet. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1945, p. 2.
38. BRANDÃO, R. No Setor Brasileiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1944, p. 1. Para Hehn, Brandão foi o correspondente que mais exacerbou a tônica dos textos, construindo a imagem do pracinha como a do brasileiro simples que vence através da criatividade o inimigo: Hehn, L. G. op. cit., p. 191.

39. BRANDÃO, R. Aspectos da Guerra. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1945, p. 2. Segundo Hehn, a opinião de que a FEB fazia turismo na Itália, pode ter vindo dos próprios despachos enviados pelos correspondentes, muito focados no cotidiano e distantes do front; a indicação foi feita segundo um texto de F. Hallawell criticando essa opinião: Hehn, L. G. Op. cit., p. 180.
40. Instalado o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1945, p.1.
41. O Reatamento de relações entre o Brasil e a Rússia Soviética. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1945, p. 5.
42. Queiroz, Tito H. S. Op. cit., p. 33.
43. Bagley, H. Virtualmente eliminados os alemães na Itália – Acidente com os correspondentes do "Correio" e "Diário Carioca". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 de maio de 1945, p. 1.
44. O Regresso de Raul Brandão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1945, p. 1. Deixou o HCE o nosso camarada Raul Brandão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1945, p. 2.
45. Morre o jornalista Raul Brandão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06 de abril de 1965, 1° Caderno, p. 2.
46. Rego, Costa. Scattoletas da Italia. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 05 de março de 1947, p. 4.
47. Idem, ibidem. A BBC de Londres e a FEB. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1947, 2ª Seção, p. 10. Além de R. Brandão, o livro contou com a participação de Rubem Braga, Joel Silveira, Egídio Squeff, S. da Fonseca (da Agência Nacional), Naldo Caparica, J. C. Borba, José Vasques Bernardes (todos do Cruzeiro do Sul), Nathan Pithan e Silva (que editou um dos jornais mimeografados pelos próprios combatentes: A Tocha), Emílio Varoli (que foi prisioneiro de guerra dos alemães) e do artista plástico C. Scliar (que fez ilustrações para o Cruzeiro do Sul).
48. Cooperativa de Consumo dos Empregados do "Correio da Manhã" – Convocação de Assembleia Extraordinária. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de março de 1951, 1° Caderno, p. 8.
49. (Magalhães, Aderson) "ALL RIGHT". 48 Anos de Jornalismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1959, p. 2.

Referências bibliográficas
COMPAGNON, Olivier. Entrer em guerre? Neutralité et engagement de l´Amerique Latine entre 1914 e 1918. *Relations Internationales*, 137, 2009. p. 31-43.
_____. 'Si loin, si proche...' La Première Guerre Mondiale dans la presse argentine et bresilienne. In: LAMARRE, Jean, e DELEUZE, Magali. *L' envers de la médaille: Guerres, temoignages et représentations.* S. l. Presses de l´Université Laval, 2007. p. 77-91.
DUQUE FILHO, A. Xavier. *Política internacional na revista Diretrizes* (1938-1942). 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis.
FERREIRA, M. de Moraes. Paulo Bittencourt. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, v. I. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001. p. 687-688.
HEHN, L. G. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira. *Revista História Unisinos,* 10, 2006. p. 173-194.
LEAL, C. Eduardo. Correio da Manhã. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, v. II. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001. p. 1625-1632.
QUEIROZ, Tito H. S. Guerra & Imprensa: as guerras mundiais & a imprensa brasileira. *Comum*, v. 14, 2011. p. 21-57.

Resumo
Este artigo analisa o trabalho do repórter do Correio da Manhã, Raul Brandão nas duas guerras mundiais. Os problemas com a censura, o controle militar e os riscos de vida fizeram parte de sua atividade: um jornalismo em área de conflito.

Palavras-chave
Correio da Manhã; Guerras Mundiais; Correspondentes de guerra.

Abstract
This article analyses the work of the reporter of the Correio da Manhã, Raul Brandão in both world wars. The problems with censorship, military control and the life´s risks are part of his activity: a journalism in conflict area.

Keywords
Correio da Manhã; World Wars; War correspondents.